Globethics Repository



A pílula e o surgimento de uma nova subjetividade feminina [The pill and the emergence of a new feminine subjectivity]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see https://www.globethics.net. Data and content policy of Globethics Repository see https://repository.globethics.net/pages/policy.

Item Type	Article
Authors	Wolfart, Graziela
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-11-10 06:59:15
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/160579

"A sexualidade era considerada algo inferior e sujo, algo que principalmente as mulheres não deviam viver, só as prostitutas. Existiam duas ordens de mulheres: as privadas e as públicas. Hoje esse duplo padrão não existe mais"

fundamental do ser humano?
Rose Marie Muraro - A sexualidade era considerada algo inferior e sujo, algo que principalmente as mulheres não deviam viver, só as prostitutas. Existiam duas ordens de mulheres: as privadas e as públicas. Hoje esse duplo padrão não existe mais. A mulher, desde criança, pode usar sua sexualidade. As meninas estão passando batom e usando colares, sapatinho de salto alto. Acho isso um escândalo, porque a infância é a infância. Ela é uma ordem simbólica, em que se vive na fantasia. E as meninas vivem na fantasia de serem mulheres. Quem sabe (isso é para o futuro), a infância e a idade adulta não estão sendo rejuntadas e reintegradas, como foram até a Idade Média. Vamos ver como os séculos se comportam.

Leia mais...

>> Rose Marie Muraro já concedeu outras entrevistas à **IHU On-Line**:

* *"O mundo com mais mulheres tem menos guerra, menos violência e menos corrupção"*. Entrevista publicada na **IHU On-Line** número 210, de 05-03-2007, disponível em http://migre.me/LNKo
* *Um diálogo libertário com Hazel Henderson*. Entrevista publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU, em 12-07-2006, e disponível em http://migre.me/LNLM

A pílula e o surgimento de uma nova subjetividade feminina

Na opinião da psicanalista Joana de Vilhena Novaes, a partir da pílula anticoncepcional, a sociedade é chamada a repensar os seus valores morais relacionados à sexualidade

Por Graziela Wolfart e Márcia Junges

Segundo análise da psicanalista Joana de Vilhena Novaes, a pílula anticoncepcional libera a mulher do confinamento do lar e da família, "e a desobriga de certas regras, aumenta o que até então a sociedade entendia quanto a definições do feminino". No entanto, Joana faz um alerta: "dependendo do ponto de vista, o que vivemos não é uma libertação, pois a mulher só vem somando tarefas e aprisionando seu corpo em outras armadilhas. Hoje em dia, são exigidas da mulher novas competências. Em termos subjetivos e de libertação dos controles que a cerceiam, a mulher deve estar ainda no meio do caminho, longe de estar equilibrada. As renúncias são feitas, mas não sem prejuízos psíquicos". E completa: "para uma nova mulher, é necessário um novo homem, uma nova estrutura social, novas relações parentais. É preciso que homens e mulheres descubram juntos seus novos papéis, as tantas possibilidades que se apresentam diante das relações ainda conflitantes". Essas e outras afirmações foram feitas na entrevista que segue, concedida, por e-mail, para a **IHU On-Line**.

Joana de Vilhena Novaes é doutora em psicologia clínica pela PUC-Rio, e duas vezes pós-doutora pela UERJ. Coordena o Núcleo de Estudos de Doenças da Beleza da PUC-Rio, e é uma das maiores especialistas nesse assunto, no Brasil. Pesquisadora do Laboratório de Pesquisas Clínicas em Obesidade da UERJ, é autora de dois livros: *O Intolerável Peso da Feiúra. Sobre Mulheres e seus Corpos* (Rio de Janeiro: PUC/Garamond, 2006) e *Com Que Corpo Eu Vou? – este último com previsão de lançamento para o próximo semestre*. Confira a entrevista.

IHU On-Line - O que a pílula significa para a mulher em termos de liberação da lei natural e de controle do seu próprio corpo?
Joana de Vilhena Novaes - A possibilidade do uso da pílula anticoncepcional desvincula uma associação histórica da mulher com a maternidade. Trata-se de uma ação afirmativa feminina, capaz de quebrar a tradicional tríade mulher-mãe, uma ação que vem concomitante com o momento sociopolítico e que está intimamente ligada à questão moral e ideológica do movimento feminista. Em relação ao corpo, a pílula, uma vez que libera a mulher da regulação e da opressão que, historicamente, está associada ao seu corpo, que ficava sobre o julgo do senhor, da igreja etc., confere à mulher maior autonomia em relação a sua sexualidade. Pode-se dizer que passa a interferir em toda uma moralidade que este corpo assume.

IHU On-Line - Pode-se falar numa nova subjetividade feminina a partir do advento desse medicamento?
Joana de Vilhena Novaes – Certamente, pode-se falar em uma nova subjetividade feminina, uma vez que a sociedade é chamada a repensar os seus valores morais relacionados à sexualidade. A mulher passa a ter direitos sobre sua sexualidade, passa a ter escolhas. Senhora de si, pode então legislar sobre o seu corpo e controla mais o tempo da maternidade, do trabalho, das atividades domésticas. Legisla sobre o tempo que vai destinar a cada uma das atividades, pois, tem, em mãos, o poder de escolha de quando será mãe (e em alguns casos de se querer ser mãe). Ela tem uma perspectiva muito mais ampla, já que a pílula a libera do confinamento do lar e da família, e a desobriga de certas regras, aumenta o que até então a sociedade entendia quanto a definições do feminino. Mas essas mudanças não se processam na mesma velocidade que as mudanças subjetivas. Logo, em termos psíquicos e de subjetividade, mesmo que se leve em conta todo o simbolismo do advento da pílula, a mulher ainda se encontra aprisionada em suas expectativas ambivalentes, principalmente no campo dos relacionamentos amorosos. A mulher se autoriza em tomar a frente nas relações amorosas e tem, ao mesmo tempo, expectativas muito conservadoras. A mulher ainda tem dificuldade de se desapegar do homem provedor, do homem viril, do amor romântico. O discurso da mulher pós-revolução feminina ainda é ambíguo.

IHU On-Line - Nesse sentido, o protagonismo da mulher em nossa sociedade mudou após esse empoderamento vindo do controle de seu corpo?
Joana de Vilhena Novaes - Mudou sim. A mulher é senhora de si, vai à luta, e, ao mesmo tempo, não se exime dos tradicionais papéis, mas acumula as responsabilidades de mãe, esposa, dona de casa. Este "empoderamento" é, sem dúvida, uma conquista, mas não significa, em termos de subjetividade psíquica, que a mulher tenha um controle total do seu próprio corpo. Dependendo do ponto de vista, o que vivemos não é uma libertação, pois a mulher só vem somando tarefas e aprisionando seu corpo em outras armadilhas. Hoje em dia, são exigidas da mulher novas competências. Em termos subjetivos e de libertação dos controles que a cerceiam, a mulher deve estar ainda no meio do caminho, longe de estar equilibrada. As renúncias são feitas, mas não sem prejuízos psíquicos.

> "O discurso da mulher pós-revolução feminina ainda é ambíguo"

IHU On-Line - Podemos dizer que sexualidade e reprodução estão definitivamente separadas após a pílula? Por quê?
Joana de Vilhena Novaes - A sexualidade e a reprodução, para a mulher, não estão definidamente separadas, justamente porque a mulher ainda vive este conflito frente à extrema cobrança e ao julgo social. A pílula foi um avanço e trouxe comportamentos como a maternidade tardia, o que está intimamente relacionado à escolha do momento de ser mãe. Também fez com que a mulher assumisse novas posturas diante de sua própria sexualidade, conferiu uma liberdade maior em termos do prazer feminino. Mas, para a mulher, por mais bem-sucedida profissionalmente e resolvida sexualmente, a questão da maternidade ainda está sob um julgo do grupo social, dos pares, da família, que traz grande ressonância à mulher. Todos lhe cobram "quando você será mãe?".

IHU On-Line - Mais do que uma revolução técnica, o que a pílula representa para a mulher em termos existenciais?
Joana de Vilhena Novaes - Em termos existenciais, controlar a maternidade significou, nas décadas de 1960 e 70, uma série de conquistas, extremamente relacionadas com a sexualidade, com a possibilidade de uso do corpo para o prazer. Mas também permitiu à mulher afirmar uma identidade e ter livre arbítrio. Por isso, pode-se considerar que é uma questão muito mais de afirmação da mulher, da possibilidade de se pensar outras representações do feminino, apontar para outra moral que não só a mulher-mãe e mulher-esposa. Mas até que ponto esse novo modelo de existência feminino se incorpora à sociedade? Isso certamente leva tempo.

IHU On-Line - Com esse novo panorama, como podemos analisar o papel do homem em nossa sociedade? Muda a relação de gênero?
Joana de Vilhena Novaes - Com a construção dessa nova mulher, que tem se tornado cada vez mais predatória no plano amoroso, no mercado de trabalho, e muito mais segura e confiante, o homem se sente perdido. Há um desconforto, pois, os papéis não estão mais tão bem marcados: quem é o provedor, quem vai à luta, quem toma decisões e se impõe? Onde, frente à nova mulher "emponderada", os homens se situam? Para uma nova mulher, é necessário um novo homem, uma nova estrutura social, novas relações parentais. É preciso que homens e mulheres descubram juntos seus novos papéis, as tantas possibilidades que se apresentam diante das relações ainda conflitantes.

IHU On-Line – A partir de todas essas considerações, podemos entender a pílula como uma conquista?
Joana de Vilhena Novaes - A pílula foi uma conquista sim, em termos de sexualidade e de ação afirmativa, mas não se pode dizer que a mulher se libertou completamente e que não seja mais oprimida. A opressão deixa de ser externa para ser interna. A mulher não mais é oprimida por seu senhor, mas a opressão é incorporada por ela mesma, é internalizada. Ela não precisa mais de um aspecto externo lhe dizendo como ela deve ser e agir. Aparentemente, a nova mulher é livre para escolher, mas a culpa e a renúncia a certos modelos tradicionais ainda lhe trazem grande sofrimento. Não é difícil de perceber que a ambiguidade de que falávamos é o conflito inerente à nova mulher. A sociedade impõe idades-limite para

certas ascensões, e isso é mais pesado para a mulher, ou mais cobrado dela. Em meu consultório, é comum ouvir frases de mulheres que vivem conflitos diários entre assumir o que querem ou satisfazer às expectativas das amigas, da família, da sociedade em que se inserem. O que podem parecer escolhas simples para uma mulher moderna – como quando casar e se quer casar, quando e se deseja ser mãe – é, muitas vezes, um sofrimento sufocante. "Agora eu tenho que casar, porque já passei dos 35 e não quero ficar pra titia." "Eu não aguento mais ter que dar explicação de porque não quero ter filhos. Resolvi dizer que sou estéril. A pessoa fica muito constrangida, mas para de me questionar". Não é a toa que a peça "Não sou feliz, mas tenho marido"[1], protagonizada pela atriz Zezé Polessa[2], ficou durante anos em cartaz. É claro que ela espelha a subjetividade da mulher, que não está totalmente liberta, caso contrário não daria satisfação, mas assumiria que não se enquadra às exigências sociais. A nova mulher está agora aprisionada dentro de seu próprio corpo: moralizada pela ditadura da beleza e assumindo um discurso sob um caráter individualista, como se todos os papéis e as obrigações que ela agora cumpre devessem ser cumpridos apenas para elas mesmas.

Leia mais...

>> Joana de Vilhena Novaes já concedeu outra entrevista à **IHU On-Line**:

* *"O corpo magro, esbelto, é um corpo de classe"*. Entrevista publicada nas **Notícias do Dia** do sítio do IHU, em 08-03-2010, e disponível em http://migre.me/LHwX

1 "Não sou feliz, mas tenho marido". Texto: Viviana Gómez Thorpe. Adaptação: Maria da Luz, Zezé Polessa e Victor Garcia Peralta. Direção: Victor Garcia Peralta. Com Zezé Polessa. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Maria José de Castro Polessa, conhecida como **Zezé Polessa** (1953): atriz brasileira. Formou-se em Medicina, como desejava o pai, tendo chegado a trabalhar como pediatra, porém trocou essa profissão pela carreira artística. Foi casada com o ator Daniel Dantas, pai do seu único filho: João. Casou depois com o ator Paulo José. (Nota da **IHU On-Line**)

"Maternidade é uma questão de Estado"

A pílula contraceptiva é um medicamento produzido por razões de saúde e de Estado para o controle das populações dentro do mais exato mecanismo biopolítico, afirma Maria Rita César

Por Graziela Wolfart e Márcia Junges

A pílula anticoncepcional foi, sem dúvida, um importante avanço da medicina, que acarretou significativas transformações sociais e culturais. No entanto, é preciso ser crítico e menos entusiasta do medicamento. E esta é a postura da professora Maria Rita César, na entrevista que concedeu, por e-mail, à **IHU On-Line**. Ela ressalta que "antes de analisarmos e saudarmos o advento da pílula como libertação feminina, precisamos lembrar que a pílula é também produto dos processos de desapropriação do corpo feminino em nome da ciência médica, ou da medicalização do corpo feminino". Maria Rita explica que "não é a pílula que representa a liberdade da mulher; ao contrário, a liberdade trazida pela pílula advém da apropriação que as mulheres realizaram desse artefato de governo do corpo feminino (a pílula), subvertendo-o em favor de sua própria liberdade sexual". Na visão da professora, "a mulher teve o seu corpo controlado pelo saber médico e ainda permanece presa nessa trama". Quanto aos filhos, continua ela, "se cada mulher tivesse autonomia sobre seu corpo e sua vida, saberia se deseja ou não ter filhos. Entretanto, se o binômio 'mulher-mãe' se mantém, os filhos serão sempre razão de mais controle e docilização ou escravização". E completa: "para as mulheres, a realização de uma vida (...) estaria na possibilidade de decidir sobre si e seu corpo, com todos os meios de contracepção e aborto legalizados e acessíveis para a sua escolha".

Maria Rita de Assis César possui graduação em Ciências Biológicas pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, e mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP. Realizou estágio de pesquisa (doutorado Sanduíche) na Universitat de Barcelona, na Espanha. Atualmente, é professora no Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, e professora do quadro permanente (mestrado e doutorado) do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE/UFPR. Pesquisadora do Núcleo de Estudos de Gênero (CNPq/UFPR) e coordenadora do Laboratório de Investigações sobre Corpo, Gênero e Subjetividade na Educação. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Ser mãe apenas quando se realmente quer é uma possibilidade oferecida pela pílula. O que isso significa para a mulher do século XXI em termos afetivos, sociais, políticos e sexuais?

Maria Rita César - A maternidade precisa ser analisada historicamente, assim como os controles sobre o corpo feminino. A pergunta que poderia ser colocada é a respeito da historicidade da maternidade como um destino biológico ou natural. Desse modo, a maternidade ou destino maternal da mulher precisa ser problematizada a partir de transformações históricas que, desde o final do século XVIII, "inventaram" o papel da maternidade para a mulher.